

10, v

MIRANDA DE ANDRADE

VIDA E LIRISMO
DE
ANTÓNIO NOBRE

Conferência proferida no Salão
Nobre da Biblioteca Pública
de Braga, em 15-XII-1967.



1) 1.134.3-1 Nobre, Ant
ND

1 9 6 8

MIRANDA DE ANDRADE

A Indiv. Coleção e
reun. pag. de Jacq. S. D.
Devis. de Barcelos,

VIDA E LIRISMO
DE
ANTÓNIO NOBRE

Separata do n.º 270 da Revista Labor

Compreendida sim-
patia e admiração
pelos seus trabalhos
pedagógicos

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60661

LUSITÂNIA-AVEIRO

1 9 6 8

Alvaro Arezes

Legado
Alvaro Arezes L. Martins



VIDA E LIRISMO DE ANTÓNIO NOBRE⁽¹⁾

Uma curta vida de trinta e dois anos e alguns meses foi, como se sabe, a de António Nobre, — vida que surgiu num esguio edifício, de três andares, da rua de Santa Catarina, no Porto, e se apagou a breve distância dali, na Foz do Douro, numa pequena casa de Carreiros (actual Avenida do Brasil), mesmo de frente do grande Oceano, que foi um dos sinceros e constantes amores da sua existência. Além do Porto e da Foz, outros nomes geográficos, a propósito do Poeta do *SÓ*, devem ser evocados: a aldeia duriense do Seixo, onde passou várias temporadas e escreveu muitos dos seus versos; Leça da Palmeira, a adorável praia da sua meninice e juventude; Coimbra, Paris, Davos-Platz, na Suíça, — teatro de situações dramáticas duma alma torturada e apavorada por uma doença implacável; Lisboa, — «a Lisboa das Naus, cheia de glória»; Nova Iorque, Baltimore, Washington, um mundo novo que, simultâneamente, o encantou e aterrou; a ilha da Madeira, fascinante e de clima dulcíssimo que acabou por o enfastiar, depois de tantas loas lhe ter endereçado em cartas e versos inspirados... Todos esses nomes marcam o trânsito de António Nobre por este mundo, no qual a sua sensibilidade e a sua inteligência quiseram ver mais um vale de lágrimas e de dores do que mansão de felicidade e alegrias. E, na verdade, a vida, à parte alguns breves instantes, foi para o poeta do *SÓ* fonte ininterrupta de tristezas e amargores, que exprimiu

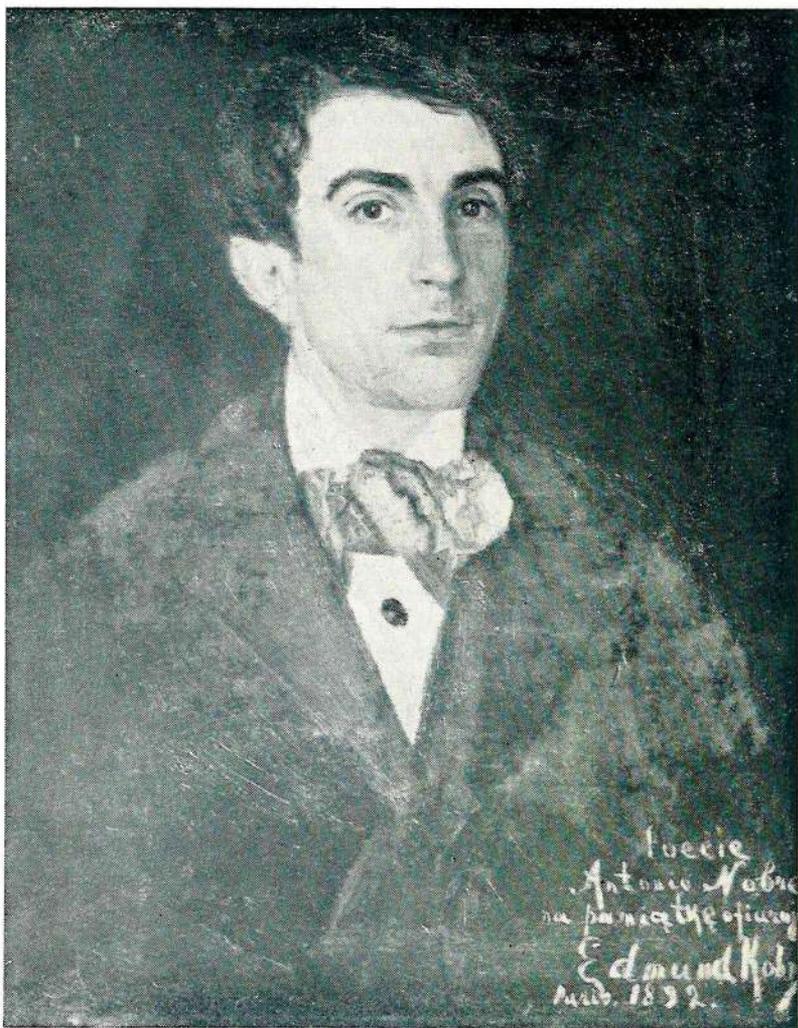
(¹) — Conferência proferida no Salão Nobre da Biblioteca Pública de Braga, em 15 de Dezembro de 1967, a convite da Direcção do Convívium Sá de Miranda, a fim de comemorar-se a passagem do centenário do nascimento de António Nobre. Presidiu o Sr. Dr. Francisco Pessoa Monteiro, Governador Civil do Distrito. A conferência foi seguida de um recital de poesias de António Nobre, ditas pela poetisa Senhora Dona Maria Alexandra Teixeira.

originalmente, sinceramente, em verso, e não com premeditado artifício literário.

Os melhores momentos da sua existência, aqueles que ficaram a iluminá-la com um grato clarão de saudade enquanto viveu, e, portanto, recordou vivamente, foram os da sua adolescência e primeiros anos da juventude em Leça da Palmeira. Aí passou, de facto, os melhores anos da sua vida, aí foi o seu «paraíso», o seu «reino de oiro e amores». Lá fundou o seu Castelo de Sonho, todo de «lápiz lazúli e coral», assente nas rochas negras, batidas pelo Mar, da Boa Nova... Nesse cenário, vasto e maravilhoso, tem as primeiras revelações de verdadeira Poesia, porque foi lá que a sua sensibilidade plenamente se abriu às efusões sinceras da vida, da terra, do céu e do mar. Este, principalmente, foi uma presença constante e viva na sua alma, presença que lhe perdurou pela vida fora e é um dos mais encantadores temas do seu lirismo. Quantas vezes esse Byron juvenil ou esse jovem Lamartine não teria subido os rochedos das praias de Leça para daí auscultar e sentir mais perto de si o Mar, fonte de energia vital, talvez na ânsia romântica de desvendar segredos que continuarão a ser, eternamente, mistérios da Criação!

O grande Mar e o amplo azul do Céu, onde, à noite, a Dona Lua passeava, calmamente, majestosamente, o seu séquito verde-neve de Luar, foram estimulantes da sensibilidade e do pensamento de António Nobre. Mas outros estimulantes da sua vida anímica lhe surgiram nessa estância em que repousava e, ao mesmo tempo, despertava para uma existência sentimental que teve os seus momentos de ventura: o amor e a amizade. Foi em Leça que Nobre gozou as suas fortes e profundas amizades com Alberto de Oliveira, Eduardo de Sousa, Justino de Montalvão, Agostinho de Campos, Raul Brandão, seus amados companheiros de leituras e discussões acerca dos poetas preferidos (Junqueiro, Antero, João de Deus, Vítor Hugo, Michelet); nas saídas para o Mar em lanchas de poveiros; no Hotel Estefânia (a *Red House*, de muros cor-de-rosa); nos banhos tomados sensualmente no rio Doce. Foi em Leça que brotaram os primeiros amores de Nobre pelas tímidas e loiras inglesas, não se fixando em uma, mas amando «generosamente» três: Ellen, Jummy e Charlotte, a qual foi a que lhe abreviou o nome para *Anto* e com tal gosto seu que o adoptou para sempre.

Tudo quanto vivia e sentia intensamente ia-o pondo em verso o Poeta, o «Criatura Nova», como lhe chamavam os pescadores, ele mesmo figurando de pescador com a sua camisola e boina de marítimo, os seus sapatos de lona e o seu cachimbo queimado que o acompanhava nas suas andanças por terra e por



António Nobre em Paris (1892) — Reprodução do quadro do pintor polaco Edmund Koll, hoje pertencente à Câmara Municipal de Matosinhos.

mar, por onde se metia no barquito à vela do moreno Gabriel para dizer versos às ondas e apreciar os emocionantes espectáculos do pôr-do-sol, que lhe arrancavam gritos de admiração sincera ou imagens fulgurantes, de inesperada originalidade.

Desse lindo pedaço de Leça, mesmo ao lado de Matosinhos, fez António Nobre o seu Olimpo ou, melhor, o seu Parnaso, — um condado, cujos sítios ermos foram povoados pelos sonhos do Conde-Poeta que podia magnificamente deleitar-se com o marulho dolente e melancólico do Oceano, com a espuma de prata das ondas, a riqueza cromática das águas, os resplandecentes luares, os pinhais viridentes, ao longe, a caminho do Cabo do Mundo, as lanchas demandando o alto, serenas como gaivotas, as nuvens de leite saltando com fragor dos penedos da Boa Nova, onde uma capelinha toda de branco, pequenina e humilde, poderia simbolizar o que há de grande e de íntimo na alma de um Poeta...

Datadas de Leça, há muitas poesias no *SÓ* e, sobretudo, no livro póstumo «*Primeiros Versos*», o qual abrange as composições feitas no espaço de tempo que vai de 1882 a 1889. Leça foi, pois, um lugar de intensa produtividade poética de António Nobre que se revelou, bem cedo, lírico excepcional e fecundo. Reportando-nos apenas a produções de um certo nível artístico, elas começam a surgir quando o Poeta atinge os quinze anos, como esse delicioso *Intermezzo Occidental*, com que abre a sua juvenília. Nesta colectânea ele é, principalmente, o romântico, pela sua idade, pela predisposição do seu temperamento, pela leitura intensa dos seus poetas queridos que são, sobretudo, João de Deus, Gonçalves Crespo e o brasileiro Castro Alves. Doce romantismo, sem os excessos lamurientos de tantos líricos românticos, vertido numa linguagem comedida e serena, transposto, muitas vezes, na forma abreviada do soneto, o que significa que o Poeta não apreciava o trasbordamento sentimental nem a verbosidade destemperada de românticos ou ultra-românticos, que tentavam ainda sobreviver nesse tempo. Os temas preferentemente tratados são, portanto, o amor, — ainda o amor-adoração —, o Mar, as loiras misses de perfil nórdico, a dorida existência dos simples e morenos pescadores, os poentes e os luares que arrebatam a alma e a enchem de um infinito de sentimentos... Para o jovem Poeta, a amada *miss* é, românticamente, a «doce irmã dos lírios belos», a «pomba celeste»; o Oceano, apesar de ter «uma grande Alma trágica e sombria», é «o deus da eterna religião do Amor»; a Lua é a «letra maiúscula dos astros». Hamlet e Ofélia, Dante e Beatriz são palavras-imagens que aparecem com frequência nesta primeira fase artística de

Nobre, assim como as de Jesus, Bíblia, Sol, monges, freiras, missais, estrelas...

Pretendendo dar aos meus prezados ouvintes um exemplo dessa poesia, escolhi um soneto que pode considerar-se ainda pouco conhecido, pois revelei-o há apenas umas semanas, numa revista cultural de Lisboa. Intitula-se o soneto, — que chegou às minhas mãos por um feliz acaso —, *Dona Romântica*. Ei-lo:

*A lua treme, taciturna misse!
Branca, tão branca nas regiões formosas
Como se a «Eterna Lagrimosa» abrisse
Na tua face, irmã das alvas rosas!*

*Dolente, melancólica, infelice,
Imprime nas paragens luminosas
As coisas mansas que Jesus lhe disse...
...A lua irmã das misses religiosas!*

*E tu que és pura e religiosa e mansa,
E trazes, celestíssima criança! —,
A Bíblia Santa nas ebúrneas mãos:*

*Podes rezar pelo silêncio amigo
Que dos loureiros rezarão contigo
Os rouxinóis da noite, os meus irmãos!*

Mas já na colectânea «*Primeiros Versos*» é possível deparar-se com alguns quadros desenhados à maneira parnasiana, como os que saíram da pena correcta e precisa de um Cesário ou de um Crespo, com pormenores e notas concretas. Chamam-se dois desses breves quadros *Inglesinha* e *Perfil de Miss*, e são igualmente exemplo do interesse do autor pelo tipo feminino britânico. Por entre os cânticos de alegria e esperança, brotam, aqui e além, acentos de tristeza e melancolia, que não-de ser característica mais saliente das páginas do *SÓ*. Pode dizer-se que este livro, o *SÓ*, se encontra já em embrião nos «*Primeiros Versos*». A produção *Quando chegar a hora*, por exemplo, é pelo seu tema tétrico e pelo patético das situações do género dalgumas do *SÓ*, em que a ideia da Morte e o fúnebre serão motivos da predilecção do autor. *Ondas do Mar* é uma bem significativa amostra da tendência contínua de Nobre para dar, como no *SÓ*, colorido religioso às coisas e às pessoas, ou melhor, fazê-las ascender a uma atmosfera de religiosidade purificadora. Assim, as ondas são para ele «Irmãs de Caridade» ou «freiras», e o Mar «Con-

vento de água verde e amara», como, noutra poesia, é aquele que «ensina a religião de Cristo» e, por isso, constituirá consolação e esperança para as velhas mães, noivas infelizes, pálidas crianças, trémulos velhinhos, todos os miseráveis e desgraçados, vítimas e mártires da Desventura terrena.

A ida de António Nobre para Coimbra, em Outubro de 1888, inicia uma nova etapa da sua vida. Longe do «paraíso» de Leça, ela foi o primeiro grande choque com as profundas e amargas realidades da existência. São vivas as suas reacções à vida escolar universitária, a qual lhe merece acerba crítica. Os lentes causam-lhe um soberano desdém e constituem alvo de versos irónicos e mordazes. Embirra com os académicos, que, por sua vez, não deixam de embirrar com ele, não aceitando o seu orgulho e excentricidades nem se rendendo à evidência do seu talento poético, aliás já conhecido. «É Poeta! É Poeta! E Reformador!» — troçam os estudantes. E aplicam-lhe a dureza das praxes, não o poupando ao canelão nem à humilhação das palmatoadas. Entre o Poeta e a Academia abre-se um fosso, que nem o Poeta, de feitio aristocrático, nem a Academia, de cunho plebeu, se dispuseram a transpor. Para ele, Coimbra, a Coimbra académica do seu tempo, daqueles fins do século XIX, dava-lhe a impressão de que ainda respirava um ambiente da Idade Média, isto é, dava-lhe a ideia de que, ao vê-la, tinha acabado de sair da leitura de um poema medieval como o *Inferno* de Dante...

A singularidade das suas ideias e dos seus actos, — até mesmo a do trajar —, era, no entanto, bem aceite por uma roda de fiéis amigos e companheiros, entre os quais se contavam, principalmente, Alberto de Oliveira, Agostinho de Campos, António Fogaça, António Homem de Melo, Vasco da Rocha e Castro e Francisco de Sousa Holstein. Deles teve não só a amizade mas também a admiração, e sobre eles exerceu, como o confessou Alberto de Oliveira, um poder mágico, um ascendente espiritual que provinha seguramente do seu alto talento literário e da forte originalidade da sua pessoa. Estas amizades foram uma das alegrias compensadoras daquela «vida claustral, bacharelática, funesta», a que se refere no *SÓ*, aludindo com menosprezo à situação por que tem de passar todo o aspirante a uma formatura na cidade do Mondego.

Outra coisa foi-lhe, também, motivo de satisfação e nunca esquecerá no decorrer dos anos: a paisagem de Coimbra, essa paisagem que ele acha aristocrática, como a de França, apesar

de a França ser, como ele disse, uma república... Instalado, primeiro, no Penedo da Saudade, tem diante de si um panorama deslumbrante que o obriga a declarar que é o «único sítio em que podia viver». Vive, mais tarde, na Estrada da Beira, ao pé das margens do Mondego, transformadas em jardins de chilreantes rouxinóis na sazão primaveril, para, depois, se refugiar na medieva Torre de Anto, a Sub-Ripas, — aliás por menos tempo do que geralmente se julga, — e aí, penetrando a sua alma de passado e tradição,

— *Moro numa alta, numa velha Torre,
Cheia de sonho e de legenda, até!* —

olhar o Sol morrendo entre salgueiros e choupos, enquanto a velha e bela Coimbra moirisca enoitecia... Coimbra passa a ser a cidade «sem par, flor das cidades», sempre recordada na sua memória sentimental através da beleza da sua paisagem, facto que jamais deixou de comunicar a amigos e conhecidos, quer esteja em Paris, na Suíça ou na Madeira, como o fez nessa carta escrita a Silva Gaio, na capital francesa, em Dezembro de 1894, evocadora das formosuras da terra coimbrã e, simultâneamente, dos versos das *Orações do Amor* do malogrado António Fogaça, o poeta que melhor lhe faria lembrar, naquele momento, a presença da longínqua cidade bem-amada.

Mas o maior acontecimento que se deu na vida sentimental de António Nobre enquanto esteve em Coimbra, foi o conhecimento que travou com Margarida de Lucena, a Purinha dos seus versos, aquela formosa trasmontana, a quem, por vezes, chamava Margaret, à inglesa, com a sua pronunciada tendência para anglicizar nomes próprios, e, outras vezes, muito líricamente,

.....*Aquela, cujo olhar são pirilampos,
Que tem o nome da mais linda flor dos campos,*

ou então,

O Espírito, a Nuvem, a Sombra, a Quimera,

.....
Aquela, que, um dia, mais leve que a bruma,

Toda cheia de véus, como uma Espuma,

O Sr. Padre me dará pra mim

E a seus pés me dará, toda corada: Sim!

Desafortunadamente, nunca o Poeta ouvirá tão doce palavra dos lábios «de romã» de Margarida, porque o amor dos dois

jovens, ao cabo de cinco anos,—por causa da doença de Anto—, terá de ser uma flor esmagada nos seus corações.

A evocação de amigos e companheiros, os encantos paisagísticos de Coimbra e arredores, (Condeixa, Tentúgal), a ideal Purinha, a Torre feudal de Sub-Ripas, serão frequentes motivos do lirismo de António Nobre, quer esteja ainda na velha cidade universitária, quer já resida na terra do seu exílio voluntário, em Paris. Foi-lhe fértil a inspiração poética em Coimbra. E aí escreveu muitas composições que vieram a fazer parte da obra póstuma «*Primeiros Versos*», e, outras que, depois, incluiu no *SÓ*, tais como as intituladas *Fala ao Coração*, *A Sombra*, *Carta a Manuel*, *Os Figos Pretos*, *O meu Cachimbo*, as bonitas quadras *Para as Raparigas de Coimbra*, e meia dúzia de belos sonetos, que foram um género em que se revelou excelente artista.

Além do soneto, cultivava largamente, com brilho, a quadra e o verso alexandrino, sentindo-se em certas produções uma visível influência de Junqueiro, — o poeta que Nobre, por então, mais admirava dentre todos os líricos portugueses. Foi tão notado esse influxo que vários académicos coimbrões, ao terem de citar o nome do Poeta, chamavam-lhe maliciosamente: António Junqueiro da Guerra Nobre.

Envolto na sua negra capa de estudante, não deixou de evocar também a distante Boa Nova e, saudosamente, o Mar, — esse Mar que parece percorrer continuamente as suas veias, tão dentro de si está sempre e tanto e tão comovidamente lhe faz estremecer as fibras do seu coração:

Ondas salgadas desse mar tão belo!
Cristalizai sob a influência astral!
Quero erguer entre nuvens um castelo
Eccêntrico, de sal...

Ondas! Aqui, só oiço entre destroços
Cantigas de estudantes pela rua.
Ai! quem me dera ouvir os Padre-Nossos
Que vós rezais à Lua!...

Um empreendimento literário o entusiasmou: a publicação, em Fevereiro de 1889, de uma revista, a *Boémia Nova*, em que colaborou com Alberto de Oliveira, Eugénio Sanches da Gama, Agostinho de Campos, Alberto Osório de Castro, João da Rocha, António Homem de Melo, mais conhecido na Academia pela designação de *Toy*. A revista era dirigida por Alberto de Oliveira que, como director, usou o criptónimo de «Dr. Fausto» e foi o seu

verdadeiro mentor intelectual. A publicação, principiando com feição simbolista-decadentista, logo virou neogarrettiana, tradicionalista, e entrou em conflito com outra revista coimbrã, de nome *Insubmissos*, sob a direcção de Eugénio de Castro, que se propôs, com um grupo de escolares, renovar o campo literário português pela introdução das correntes do Decadentismo e do Simbolismo, já triunfantes em França com as obras de Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Moréas, Laforgue e outros. A *Boémia Nova* teve a vida efémera de todas ou quase todas as publicações estudantis (durou alguns meses apenas) e a colaboração do nosso Poeta limitou-se a algumas poesias da sua autoria.

Ainda em Coimbra, e naquele ardente mês de Junho de 1890, estava António Nobre a braços com a preparação dos seus exames finais e — é curioso! — atravessava um momento em que a sua inspiração poética era excepcionalmente fecunda. Sentindo-se, todavia, só e entediado, escreveu a Alberto de Oliveira, já no Porto por ter terminado os seus actos, e naquele estilo tão pessoal das suas cartas aos íntimos amigos: «Li teu bilhete. Horror! Foge de Oporto! Acabei agora de jantar. Fumei um cigarro. Oscilam-me as pernas, treme-me a mão. Ai os meus nervos! Tenho saudades de ti. Muitas! Que hei-de fazer esta tarde? O mesmo que ontem. Passear no Cais, assentar-me no Choupal, olhos fitos no Mondego. À noite, sorvete de leite. Santo Deus! A vida!... Oceano Atlântico como está ele? Beija-o por mim. Apertos de mão, muitos. Calça luvas... Coimbra está horrível. Ainda não saí!... Parei agora. Que dizer-te mais? Medito. Poiso os olhos em frente de mim, Kaiser Wilhelm, ei-lo ali. Que diz a «Havas» dele? Leste os boletins políticos? Um lindo rapaz. À esquerda dele, no alto, o meu coco. Ainda tem a poeira de Tentúgal. Ai, Alberto, Tentúgal! Fato bizarro! Alexandrinos! Choupas! *Breack!* Coro das freiras!... A Universidade deu horas. Quantas são? Seis. «Neste tratado estudamos: coisas, modos como as coisas se adquirem...» Arre! estar um homem a estudar isto. Parece troça... Os actos... Amanhã começo a repetir, sabes? Estudarei, crê. Os RR chovem em dilúvio. Se o guarda-chuva bizarro me cobrisse...»

Mas não cobriu. E muito difficilmente o cobriria...

Jovem e irreverente, António Nobre entreteve-se, um dia, a escrever a seguinte quadra no exemplar que possuía do Código Civil português:

Portugal tem duas glórias
Para espanto das nações:
 — Os «*Lusiadas*» e o Código
 — Pedro Penedo e Camões!

A claríssima e irrespeitosa alusão ao lente de Direito Pedro Monteiro Castelo Branco nessa pequena quadra, assim como outras, bem cáusticas, da longa composição *Carta a Manuel*, poderão estar na base dos insucessos escolares do Poeta e, conseqüentemente, no desvio que teve de sofrer o rumo da sua vida académica, procurando no estrangeiro o que lhe era sistematicamente negado na sua pátria. E com um desgosto, que foi talvez uma das maiores desilusões que lhe deu a existência e que lhe deram os homens, o Poeta decide deixar a sua terra para tirar o curso de Direito em Paris, pois acalenta o sonho de vir a ser, no futuro, um cônsul português, a exemplo do seu muito admirado Eça de Queirós, de António Feijó, de Jaime de Ségurier, de Batalha Reis, todos eles diplomatas e, simultâneamente, poetas ou escritores.

Por conseguinte, numa manhã, chuvisquenta e fria, de Outubro de 1890, chegava António Nobre à capital francesa para tirar, na Sorbonne, o curso que Coimbra se negara a conceder-lhe, obrigando-o a suportar a humilhação de duas reprovações consecutivas em dois anos de frequência escolar. Desembarcando na estação de Orleães, seguiu com o seu malão D. João VI através do bulevar Saint-Germain «por entre os orvalhos da manhã», até à Rua Racine, onde se instalou. Era um Domingo, e logo a sua incurável melancolia não pôde deixar de manifestar-se, apesar da vida nova que encetava e da curiosidade que lhe despertariam a grandiosidade e o movimento da imensa e famosa urbe. De facto, não pôde deixar de exclamar em carta a Alberto de Oliveira, o mais íntimo dos seus amigos: «Que triste estava Paris!»

Logo nos primeiros dias da sua estadia na metrópole do Sena, teve necessidade de avistar-se com Eça de Queirós, no consulado português, a fim de aí serem traduzidos e legalizados documentos para a sua matrícula na Sorbonne. Assim o fez, apresentando-se com uma carta de Guerra Junqueiro para o grande Romancista que, ao cabo da visita, que foi repetida, não deixou de simpatizar com o jovem lírico do seu País, convidando-o a visitá-lo em sua própria casa.

Instalado inicialmente na Rua Racine, muito perto do bulevar Saint-Michel, que corta em linha recta o velho e intelectual *Quartier Latin*, António Nobre não se fixa definitivamente nessa rua e passa a residir noutras: ora na Rua Valette, ora na Rua da Sorbonne, ora na Rua des Écoles, mas todas muito próximas do edifício universitário onde vai frequentando com regularidade e aproveitamento o seu curso de ciências políticas e jurídicas.

Onde mais tempo estanciou foi na Rua des Écoles, número 14, chegando a servir-se, por seu desejo, do quarto que lá tinha ocupado o poeta François Coppée.

Vive muito isolado o moço lusiada, sendo fortuitos e mesmo raros os seus encontros com portugueses, a não ser com um ou outro artista plástico, residentes em Paris como bolseiros para o aperfeiçoamento dos seus dotes nalguma academia ou escola, com mestres de renome. A sua solidão leva-o a desejar intensamente a vinda de amigos seus à capital francesa, numa rumorosa e fraternal peregrinação que invadiria o Bairro Latino, onde habitava, para matar saudades que lhe requeimavam o peito e lhe entristeciam a existência. Comunica tal desejo a um dos seus amigos, mas a pretensão é irrealizável e não passa, aos olhos dos seus antigos companheiros do Porto e de Coimbra, de um sonho ou devaneio de poeta.

Só muito mais tarde, em 1892, Alberto de Oliveira, já com o diploma de bacharel em Direito, arrancado à velha Universidade lusa, irá de visita ao seu querido amigo e companheiro dos inesquecíveis tempos de Leça e de Coimbra, — visita que encheu da maior alegria o triste Poeta desterrado. «Na gare de Orleães — escreverá depois o autor de *«Palavras Loucas»* — esperava-me, ansioso, o poeta do SÓ, com a sua cabeça anelada de Byron, os seus olhos fundos de namorado, a sua figura triste e bela de pescador ou de frade. E, juntos num longo abraço, dentro dum velho fiacre que mal sabia a carga tão rica de poesia que levava, lá fomos ao assalto do *Boulevard* e do Bairro Latino». E na mesma obra afirmará ainda: «António Nobre vive em Paris como um frade: a sua leitura é o *Eclesiastes*, Shakespeare e as biografias dos grandes poetas. As estudantes do «Boul'Mich» chamam-no «le petit évêque»; com uma bengala de eremita e um longo hábito de burel a que ele pôs o baptismo de *monge*, raro passeia a sua tristeza, sob a neve, nos poentes purulentos, esverdeados, criminosos do Sena».

Foi estudante, mas nunca deixou de ser, em Paris, o que sempre e profundamente era: um poeta. Com lágrimas na voz, recordando-o, dez anos mais tarde, com viva emoção, Madame Laille, proprietária da «Pension de Famille» da rua des Écoles, onde quase sempre ele esteve instalado, confessou a Dona Constança Teles da Gama, que o conhecera na ilha da Madeira: «Il aimait ce qui est vieux et noir, il préférerait les vilaines petites rues étroites à nos beaux boulevards... Il ne faut pas se moquer de lui, mademoiselle, les poètes sont comme ça». E um antigo frequentador da mesma pensão, reconhecendo-lhe a bondade e a altura lírica, não se conteve que não exclamasse no mesmo mo-

mento: — «Ah! Monsieur Nobre, quel brave coeur! On l'appelait ici «le poète l'ange».

Quebrando a sua solidão, a monotonia dos estudos, as frequentes leituras nas bem fornidas e aquecidas bibliotecas públicas parisienses, diversos contactos teve o poeta com artistas nacionais e estrangeiros, que o acaso lhe fez encontrar nos cafés e cervejarias do *Quartier*. Dentre os portugueses, sabe-se que gratamente contactou com o escultor Tomás Costa, que lhe modelou o busto, com o pintor Carlos Reis e o artista musical Óscar da Silva. A presença de um jovem pintor polaco ser-lhe-ia igualmente grata: a de Edmund Koll, que lhe fez um curioso retrato a óleo, guardado, hoje, na Biblioteca Municipal de Matosinhos e no qual deixou vincadamente assinaladas a sua mocidade e distinção pessoal. Um escritor português, de origem indiana, ilustradíssimo, passou a ser, um dia, companheiro quase constante de Nobre, que com ele conversava, conforme afirmou, acerca de tudo: «arte, filosofia, almas»... Era Moniz Barreto, competentíssimo e talentoso crítico literário, que já lhe tinha criticado, anteriormente, entre amável e severo, o *SÓ*.

Há ainda notícia da visita do Poeta a casa de Eça de Queirós, em Neuilly, na Avenida du Roule, onde assistiria a um desses famosos serões que ficaram célebres pela qualidade dos assistentes, pela graça e pelo espírito esfuziantes, em que participavam os próprios anfitriões: Eça de Queirós com a sua ironia e a sua aguda inteligência; Dona Emília Resende, a esposa do Romancista, com a sua bondade e fina elegância, a quem o autor do *SÓ*, criando uma frase muito ao seu gosto, chamava: «Nossa Senhora dos Portugueses».

Não foi sempre calma e desafogada a vida de António Nobre em Paris. Ao contrário, amargos dias e penosas situações teve de suportar, que tiveram por causa, principalmente, a insuficiência de recursos monetários para a sua manutenção na capital da França. A bolsa paterna, de que totalmente vivia o Poeta, teve de ser apertada em face do precário estado financeiro por que estava passando o Brasil, donde provinham os réditos da família. Não faltaram a Nobre privações, quanto a alimentação e conforto, que talvez tivessem contribuído para o deflagrar de uma enfermidade que o prostrou numa época da vida que é a mais vigorosa do ser humano. Mas vencendo estoicamente carências e dificuldades materiais, a sua estadia em Paris proporcionou-lhe a realização de dois objectivos, que foram ambição permanente do seu espírito: a publicação do seu grande livro, o *SÓ*, e a obtenção da «licença», isto é, da formatura em Direito, o que lhe permitiria concorrer imediatamente a um lugar de cônsul

do seu País, libertando-o definitivamente de quase constantes crises pecuniárias e de uma dependência económica que magoava profundamente o seu carácter e o seu orgulho de príncipe.

Foi em Abril de 1892 que saiu da casa de Léon Vanier, no cais Saint-Michel, a primeira edição do *SÕ*, uma edição de apenas duzentos exemplares, custeada por António Nobre, que pagou as despesas de papel e impressão. Vanier era um editor na moda, porque era o editor dos modernos poetas simbolistas. Não seria inteiramente isento de significado o facto de Nobre ter decidido entregar a edição do seu livro a uma casa em manifesta evidência, quer em Paris, quer no mundo inteiro, pela publicação de obras que causavam sensação em todos os meios literários. Seria uma forma de chamar a atenção para a sua, além do gosto ou do orgulho pessoal de se ver editado numa das principais livrarias de Paris.

O *SÕ* foi, em grande parte, fruto da Saudade que um poeta, exilado da Pátria, experimentou até ao mais fundo da alma, arrastando a sua dor e o seu pessimismo pelas velhas casas e pelas velhas ruas enegrecidas do antigo bairro dos estudos e da boémia literária parisiense. Muito embora António Nobre já pensasse escrever esse livro estando ainda em Portugal e, até, já tivesse na mente o título que adoptou, o certo é que foram a ausência da terra natal, a longa permanência em país estranho, o isolamento moral e conseqüentes reacções sentimentais que determinaram que, no espaço de um ano e meio, o *SÕ* se organizasse e ficasse pronto a ver a luz da publicidade. Esta é a primordial consequência da fixação de Nobre no meio parisiense, onde, — conforme o declarou em carta a Manuel da Silva Gaio —, começou a amar verdadeiramente Portugal, «terra das suas predilecções e das suas saudades». Convirá ainda acentuar-se que foi em Paris que foram escritas vinte das mais importantes poesias de toda a obra, constituída por um total de cinquenta composições, sendo, sobretudo, essas vinte poesias as que lhe imprimem maior beleza e uma categoria literária fora do comum.

Alberto de Oliveira, Eduardo de Sousa, João da Rocha, Raul Brandão e outros fizeram, na Imprensa portuguesa, o elogio do *SÕ* e a exaltação do lirismo de Nobre. Uma crítica veio de Paris: a de Moniz Barreto, que a publicou na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós. Não foi favorável a crítica. Moniz Barreto, grande adepto do Realismo e da sua estética, não aceitou as concepções artísticas de Nobre nem as dos novos poetas (decadistas e simbolistas) que, em seu entender, eram uma minoria. Mas não deixou de prestar homenagem ao talento do

Dona romântica

Atua treme, taciturna miss!
Branca, tão branca nas regiões formosas,
Como se a "Eterna Lagrymosa" abrisse
Na tua face imã das brancas rosas!

Dolente, melancholica, infelice,
Imprime nas paragens luminosas
As coisas "cantas" que Jesus lhe disse...
... atua imã das missas religiosas!

É tu que és pura e religiosa e mansa,
É tu que és celestissima creança!
Atua Bíblia Santa nas dobras das mãos:

Podes rezar pelo silêncio amigo
Que dos loucos rezará contigo
Os vizinhos da nobre, os meus irmãos!

António Lopes

autor nem de apreciar com encómio algumas das suas peças poéticas. Escreveu ele: «O livro do Sr. António Nobre é uma considerável manifestação de talento e um dos mais notáveis que se têm publicado ultimamente. O seu autor tem lembranças de grande poeta. Algumas das peças que o constituem, como *A Vida, Os Cavaleiros*, são jóias líricas».

Regressemos àquela tarde outonal de 1890, em que António Nobre procurou o cônsul de Portugal em Paris para lhe serem legalizados, no consulado, documentos necessários à sua matrícula na Sorbonne. Entre os dois travou-se um diálogo literário em que, além do mais, abordaram a questão candente de simbolistas e decadentistas, em França. Mas antes de prosseguir, permitam-me um parêntesis para uma rápida informação acerca do que deve entender-se por decadentismo e simbolismo, já que tanto se fala deles a propósito de António Nobre. Para começar, direi que o movimento literário do Simbolismo, que absorveu o dos decadentes, surgiu por 1885, em França, e tem as suas raízes em Baudelaire, vindo a entroncar no Surrealismo, ou melhor dizendo, no Super-realismo contemporâneo. Foi um movimento de reacção contra o Parnasianismo, isto é, contra o ideal estético da «Arte pela Arte». Chamam-se «decadentes» ou «decadistas» os poetas que são portadores dessa reacção contra a solenidade e a frieza da escola parnasiana, imaginando-se pertencentes a um século exangue e assistindo aos últimos estertores duma civilização moribunda. Tais poetas «decadentes», assim como certos escritores e artistas, preparam o caminho ao Simbolismo, que é essencialmente o «idealismo aplicado à literatura». Em 1886, um manifesto do poeta francês, de origem grega, Jean Moréas, publicado no *Figaro*, consagra o nascimento da escola simbolista, na qual se integram os representantes do espírito «decadente».

Os poetas simbolistas pretendem atingir, para lá das aparências, uma realidade transcendente. O mundo sensível não é para eles senão o reflexo de um universo espiritual. Procuram também sugerir, pelo valor musical e simbólico das palavras, os cambiantes mais subtis das suas impressões e dos seus estados de alma. É nas obras dos que eles consideram seus mestres, Baudelaire, Verlaine e Rimbaud, que tentam encontrar as fórmulas de uma arte nova: secretas correspondências das coisas com a nossa alma, linguagem fluida e musical; o «verso livre», isto é, o verso não sujeito a rima e liberto das regras da métrica.

Mas voltemos ao diálogo Nobre-Eça acerca dos decadistas e simbolistas franceses. Eça de Queirós logo declarou que a literatura deles era, quanto a si, «uma literatura horrível», e Nobre

afirmou que, em sua opinião, Verlaine era o único que tinha talento, — opinião perfilhada por Eça, reconhecendo ambos, no entanto, que, a par de altas aspirações místicas, havia, no poeta de «*Sagesse*», a sordidez de uma vida mergulhada nas baixezas da sensualidade.

O conhecimento que Nobre levava de Coimbra acerca do Simbolismo e do Decadentismo, era ainda imperfeito e resultante dalgumas rápidas leituras de Verlaine, Rodenbach, Huysmans, e de conversas literárias com os seus companheiros da revista *Boémia Nova*, entre os quais Alberto de Oliveira, que devia ser o principal veículo das novas ideias e correntes poéticas que vinham das margens do Sena, tal como Eugénio de Castro, assistido pelos académicos João de Meneses e Francisco Bastos, o seria através da revista *Insubmissos*, que então dirigia.

Melhor ou mais desenvolvido conhecimento do Simbolismo obtê-lo-ia António Nobre durante a sua permanência em Paris, quer nos contactos inevitáveis com a mocidade da escola superior que frequentava, quer nas cervejarias e leitarias do *Quartier Latin*, onde não podia deixar de encontrar poetas e artistas que lhe falariam largamente, vivamente, das novas correntes literárias e estéticas, sendo ele, igualmente, um poeta e um artista. Chegou mesmo a ser apresentado a Verlaine pelo jornalista português Xavier de Carvalho, residente em Paris, o mesmo sucedendo com um dos teorizadores da escola simbolista, Jean Moréas, de quem não ficou com uma impressão agradável a primeira vez que lho apontaram, ao pé do «Odéon»: «Fez-me medo... O olho muito negro, monóculo sem cordão, um ar de assustado, ou perseguido, — passou veloz como um raio».

Num dos seus cadernos de lembranças, entreteve-se, um dia, o poeta do *SÕ* a anotar os nomes dalgumas celebridades que teve ocasião de conhecer na capital francesa, entre as quais as seguintes personalidades em evidência no mundo das letras: Verlaine, Catulle Mendès, Jean Moréas, Rodenbach, Coppée, Bourget, Dumas, Mallarmé, Brunetière. E, noutro apontamento, referindo-se a certas obras e a certos autores de livros, que tencionaria adquirir, ou já teria lido, escreveu: «Imitação de Cristo. Poemas de Maeterlinck. Bíblia. Verlaine. Esquilo», e ainda: «Essais de Montaigne e obras completas de H. Heine». Nada menos do que cinco poetas simbolistas, e dos mais notáveis, são nomeados nessas notas, cujas indicações, além doutras que constam dos mencionados cadernos, assim como muitas que se encontram no seu abundante epistolário, permitem asseverar que António Nobre não limitou a cultura do seu espírito à leitura e meditação das obras de Shakespeare e do Eclesiastes. Muitas

outras, de autores nacionais e estrangeiros, poetas e não poetas, mereceram a sua atenção e o seu estudo.

A data da sua chegada a Paris, já Verlaine — o «único de talento», conforme declarou a Eça, ao falarem das «últimas coisas do Decadismo», — tinha publicado, por sua conta ou por conta dalgumas livrarias como a de Léon Vanier, a parte principal da sua obra, desde os «*Poèmes Saturniens*» e «*Fêtes Galantes*» até «*Jadis et Naguère*» e «*Parallèlement*». Aquela espontânea declaração de Nobre autoriza-nos a afirmar que foi Verlaine o poeta simbolista francês que mais apreciou e ainda, posto que seja diferente o lirismo de ambos, que qualquer sugestão da obra de quem veio a ser proclamado príncipe dos poetas franceses, por morte de Leconte de Lisle, não é coisa que se não possa admitir ou aceitar. Essa sugestão, em meu entender, processar-se-ia mais no aspecto externo, isto é, em certos aspectos formais que apresentam «*Sagesse*», publicada em 1881, e o *SŌ*, dado à estampa em 1892, e editado na livraria Vanier, a mesma que já editara alguns livros de Verlaine. Os problemas que assediaram e perturbaram a alma do lírico francês, — graves problemas de carácter espiritual, sentimental e até político —, não existiram para o nosso poeta, assoberbado, antes, pelas saudades da Pátria e pelas dores do exílio.

Mas que haverá, então, de idêntico nas duas obras? Afinidades formais, como disse, e a própria organização material do seu conteúdo. Abre «*Sagesse*» por uma composição, de notável doçura melódica, constituída por dísticos, em metro alexandrino. O *SŌ* inicia-se, do mesmo modo, por uma poesia em dísticos, de ritmo embalador, em verso hendecassílabo. A variedade estrófica é muito semelhante à de «*Sagesse*», fazendo os dois poetas uso frequente do terceto, do quarteto, da quintilha ou dos longos agrupamentos de versos, — estes em número indeterminado —, e empregando correntemente a mesma medida: de oito, nove, dez e doze sílabas. Particularidade curiosa e também significativa: as duas obras contam idêntico número de sonetos — uma vintena, cuja inserção contribuiu para um aumento de grata diversidade formal e, pelo seu intrínseco valor, para a elevação artística de cada colectânea.

Outro poeta francês, porém, esse «decadente», Jules Laforgue, tem, a meu ver, maiores afinidades com o lírico português. No ponto de vista formal, a aproximação é surpreendente: ambos empregam o verso livre, aquele belo verso de «Lusitânia no Bairro Latino» e de «Purinha» e, quanto a Laforgue, nas composições do seu livro «*Les Complaintes*», especialmente a de título «*L'hiver qui vient*», de um recorte estrófico igual ao da citada

«Lusitânia», a qual soava ao fino ouvido de Alberto de Oliveira «com magistral euriitmia».

Além do verso livre, que foi uma das grandes novidades da técnica simbolista, e da semelhança de forma, há um idêntico tom de linguagem, em contraposição à de Verlaine, mais doce, mais calma, mas também menos vigorosa e menos directa. Nobre e Laforgue (que viveu pobre e morreu aos 27 anos, tuberculoso) encararam a vida com amargo pessimismo, e este derrama-se pela produção poética dos dois líricos num estilo em que são abundantes a apóstrofe e a interjeição, as imagens raras e requintadas, ou, então, a frase banal e corrente, mais vezes colloquial do que grave ou solene. Há expressões de Nobre que poderiam ter sido escritas por Laforgue, como realmente o foram em poesias como a intitulada «Oh! qu'une, d'Elle-même» ou a «Complainte des pianos» com as suas alusões, tanto do gosto do primeiro, aos «Christes des dortoirs» e aos «Couvents gris, choeurs de Sulamites». A ambos dominou, toda a vida, um profundo sentimento de tristeza, que Laforgue traduziu neste verso do livro «*Le Sanglot de la Terre*», verso que António Nobre não deixaria de inteiramente subscrever: *Oh! la vie est trop triste, incurablement triste!*

Falo, evidentemente, de possíveis sugestões, afinidades, casuais aproximações, e não de influxos provados ou imitações claramente verificadas de obras do chefe da escola simbolista ou do decadista autor de «*Les Complaintes*», porque o livro de Nobre é um livro pleno de originalidade. Livro único em Portugal, a sua poesia pode, no entanto, colocar-se entre a de Cesário Verde e a de Sá-Carneiro pela qualidade dos temas, assim como pela audácia e requinte das imagens (recordo, por exemplo, as das composições «Febre Vermelha» e «Poentes de França»), — poesia que levou o demiurgo Fernando Pessoa, com a sua larga visão e raro poder crítico, a afirmar que, quando o seu autor nasceu, «nascemos todos nós», considerando-o, portanto, um precursor desse amplo movimento do Modernismo que ainda é vivo no nosso tempo.

Livro bem português, só portugueses entenderão, na totalidade, esse livro de tristezas e saudades, sim, mas também da alegria das romarias e da solenidade das procissões religiosas, de vozes e gemidos dele, Poeta, e também da nossa gente e da nossa Pátria. Ascende, com justiça, António Nobre a lírico nacional porque, através da sua própria sensibilidade, exprimiu, íntegra e nunca desnacionalizada, a sensibilidade lusitana, e como teve génio bastante para profundamente a marcar na sua obra, — elegante rapsódia artística de usos, costumes, tradições e sen-

timentos portugueses —, o *SÓ* ficará, na produtividade literária nacional, com carácter de eternidade.

Após um período de quase cinco anos de existência em Paris, — donde vinha a Portugal passar os largos períodos de férias escolares —, atravessa António Nobre a quarta e última etapa da sua vida, caracterizada pela sua doença e errância através dos sanatórios da Suíça, em busca de melhoras ou cura, e por localidades de clima mais favorável ou doce, como Lisboa, Estoril, Cascais e Ilha da Madeira. Entretanto, já tinha feito o seu concurso para cônsul no Ministério dos Negócios Estrangeiros, tendo alcançado, juntamente com Alberto de Oliveira, as mais altas classificações que se atribuíram. Para que a sua vida tomasse o rumo há tanto sonhado e ambicionado, apenas faltaria escolher o consulado que lhe fosse mais conveniente. Na África do Sul? no Brasil? na Suíça? Mas não quis o Destino que assim sucedesse. Tendo-se-lhe declarado uma tuberculose no verão de 1895, inicia o Poeta o seu calvário de outros cinco anos, à procura desesperada de alívio para a sua saúde tão abalada, começando por se instalar, nesse mesmo verão, em Clavadel, entregue aos cuidados do Dr. Boelli, que foi o médico que maior assistência lhe prestou. Sempre inquieto e perturbado pela repetição frequente de hemoptisês, muda de estância de cura e tenta a de Davos-Platz, depois a de Bex, já próxima da fronteira italiana. Não obtendo as melhoras necessárias, antes piorando, aconselham-lhe climas que não sejam de altitude, mas os quentes e amenos do centro ou do sul de Portugal, à beira-mar: Lisboa e arredores, ou o Algarve.

Foi de sempre o seu amor pelo Mar e a sua confiança nas virtudes curativas do «Senhor Doutor Oceano», como ele graciosamente gostava de dizer. E, um dia, empreende, com o objectivo de conseguir uma cura completa do seu mal físico, uma longa viagem através do Atlântico até à América do Norte, onde visita as grandes cidades de Nova Iorque, Washington, Baltimore e Filadélfia... À parte o prazer turístico de conhecer localidades do Novo Mundo, que o encantaram e logo desencantaram («é um país sem coração, tudo electricidade» — escrevia ele a propósito dos Estados Unidos); à parte a realização do seu desejo agudo de permanecer uns momentos, para uma breve homenagem, junto do túmulo do escritor norte-americano Edgar Poe, sua admiração de sempre, e uns convites para jantares e festas por iniciativa de antigos companheiros de Coimbra e de Paris, de nacionalidade brasileira, — o Poeta não obteve, desventurada-

mente, vantagens de ordem fisiológica e o seu mal foi tenazmente prosseguindo e abrindo mais fundo caminho no seu já tão depauperado organismo.

Falam-lhe na Ilha da Madeira, na maravilha da sua temperatura e de seus ares. Quantos se não curaram com eles? Para lá embarca em Fevereiro de 1898. Mas, um ano decorrido, ou pouco mais, regressa à metrópole, com evidentes sinais de ter piorado. De lá traz, no entanto, a doce recordação de um idílio amoroso: o que teve com uma filha da Condessa de Cascais, Dona Constança Teles da Gama, a quem cantou em formosos versos que se arquivaram no volume póstumo «*Despedidas*».

Desembarca em Lisboa, e aqui começa, e nos seus arredores, uma via dolorosa, dolorosíssima, para o infeliz Poeta, sempre lutando contra a doença terrível e fugindo a que se saiba o seu verdadeiro estado, denunciado, aliás, constantemente pela sua aparência física e por uma tosse que não engana ninguém. Ninguém o quer como hóspede; de todas as pensões e hotéis é repellido. Hoje, aqui, amanhã, acolá, descaridosamente expulso de hospedarias e casas de repouso das cercanias da capital, António Nobre, sem saúde e sem dinheiro, tendo de recorrer muitas vezes a casas de penhores, passa então pelos mais amargos, pelos mais duros, pelos mais tristes dias da sua existência, — tudo minuciosa e pungentemente narrado nas suas numerosas cartas, cuja leitura, nesse ponto, é das coisas mais comovedoras que um drama humano pode causar. A família decide enviá-lo novamente para a Suíça, convencida, como ele, de que só nesse país, afinal, poderia tratar-se convenientemente. Não duraria muito essa convicção. Passados alguns meses, em Dezembro de 1899, volta a Portugal o grande Poeta, magríssimo, abatido tanto no físico como no moral, desalentado e desenganado. Mais um talento — e tantos o foram no seu tempo! — que a virulência do bacilo de Koch venceu e destruiu. Três meses decorrem até que em 18 de Março do ano de 1900, depois de uma breve estadia na Foz do Douro e na pequena aldeia do Seixo, para onde fora a ares, António Nobre morre serenamente nos braços de seu irmão Augusto, diante desse Mar, cuja beleza e grandeza sempre o emocionaram, e que ele quis ouvir nos últimos momentos da sua tão curta e infeliz passagem por este Mundo.

Em virtude do precário estado físico do Poeta durante o último quinquênio da sua existência, natural era que se verificasse uma diminuição na sua actividade intelectual e, como consequência disso, na sua produtividade poética. Com efeito, em todo esse espaço de tempo, brotam do seu estro apenas algumas

breves composições e fragmentos de um livro que começou a escrever e veio a constituir, com aquelas, a obra póstuma de título «*Despedidas*». Formam-na 26 sonetos escritos em Clavadel, Lausana, Platz, Lisboa e na Madeira, nove poesias de diversa índole, e um longo poema *O Desejado*, que ficou incompleto, fragmentário, sem os esperados encadeamentos lógicos e, portanto, sem esta coisa que se julga artisticamente indispensável: a unidade. Sente-se que o Poeta não pôde concluir o poema e, até mesmo, não o pôde retocar e corrigir. Tem nítida feição simbólica *O Desejado*, em que o autor procurou representar, no moço poeta Anrique, — personagem principal da obra concebida —, o anseio geral de redenção da Pátria, actualizando, por consequência, um mito nacional que se prefigurou no Rei D. Sebastião. Claramente o diz:

Virá, um dia, carregado de oiros

O Rei menino que se foi aos moiros
e ainda não voltou.
Virá.....
Numa certa manhã de nevoeiro.

No final do poema, há mesmo, além de uma exortação ao trabalho para salvação da terra portuguesa, uma afirmação de esperança no regresso do jovem monarca:

Anda, meu filho, vai dizer baixinho
A esse povo do Mar, que é teu irmão,
Que não fraqueje nunca no caminho,
Que espere em pé o seu D. Sebastião.

O poema é também um hino à cidade de Lisboa, «a cidade de mármore, de ruínas e de glórias», como o próprio Poeta nele afirma, parecendo-me que ele pretendeu fazer da antiga e bela capital um outro símbolo: o símbolo das glórias portuguesas. alcançadas com as naus saídas do estuário do Tejo para as conquistas e o descobrimento do Mundo ainda desconhecido. Talvez que Nobre tivesse a intenção de imprimir um tom épico ou heróico ao seu poema, mas não lhe saíram senão vozes líricas ou subjectivas em oitavas e decassílabos por vezes frouxos. É iniludível um abaixamento da sua *vis* poética, possivelmente porque a uma acentuada decadência física não pôde deixar de corresponder certa decadência nas suas faculdades de concepção e realização artística. E isso é tão verificável para o poema *O Desejado* como para o restante da colectânea «*Despedidas*», cujo

valor literário, por falta também de correções necessárias e acabamento formal, em face da pertinaz doença, tem de situar-se abaixo do das outras obras do Poeta, à parte alguns versos admiráveis, que ainda os tem, e alguns sonetos dignos de ombrear com os mais belos do *SÓ*: *Ao cair das folhas*, *Aparição* e *Ao Mar*, principalmente.

Dentre toda a obra nobiliana, destaca-se a grande altura, e ficará para sempre de pé, o *SÓ*, livro onde palpita a grande sensibilidade de António Nobre («em mim, dizia ele, tudo é sensibilidade») e, através dela, a sensibilidade lusíada. «Não sou eu — interrogava ele — o intérprete das dores do meu País»? No ponto de vista formal, é um livro ainda moderno, construído dentro de linhas estéticas que ainda perduram no nosso tempo, um livro, enfim, não ultrapassado, com firmes características de poema actual.

Contudo, não se ignora que a obra-prima de Nobre, se tem muito quem a admire e a aceite pelo seu significado e valor artístico, tem sofrido também ataques e críticas por parte de diversas individualidades e em diferentes épocas. De que a acusam ou que reparos lhe fazem ou têm feito? Em resumo, e principalmente, os de ser um livro triste, um livro folclórico, um livro dissolvente.

A acusação de ser um livro triste não tem fundamento sério. Em face do temperamento do Poeta, da dolorosíssima vida que o Destino lhe assinalou e, até, do ambiente nacional do seu tempo, de pessimismo e desalento gerais, como se estranhará que ele não tivesse cantado as alegrias e os prazeres de uma existência eufórica? Não é também de característica tristeza o lirismo nacional, desde o trovadorismo medievo até aos nossos dias?

As notas etnográficas do *SÓ*, que tanto interesse e cunho lhe dão, por que são vistas sob o ângulo de um folclorismo vulgar e não como notas retintamente portuguesas, castiçamente lusitanas, exprimindo com originalidade aspectos das nossas romarias e procissões, da vida campestre e marítima?

É um livro dissolvente... Nunca senti que o fosse. O tom de queixume e litania é, sem dúvida, frequente, mas quantas vezes o Poeta manifesta simpática devoção por Portugal e pelas coisas portuguesas! O passado, a gente, os costumes, as tradições pátrias vivem-lhe no sangue, e percebe-se a delícia com que as evoca e grava, artisticamente, no verso. No estrangeiro, onde o destino ou a doença o obrigaram a permanecer, o seu coração confrange-se de saudade pela jamais esquecida terra lusitana, a cuja paisagem emocionante não pode deixar de associar, mantendo-os a todos na lembrança, familiares, amigos e companhei-

ros. Poucos terão falado dela com tão nacionalista sentimento. Não é, pois, dissolvente a poesia de Nobre, como não é dissolvente a queixa de alguém que sofre e se lastima na nossa presença, tantas vezes com o fim de minorar o seu sofrimento por o ver compartilhado. Não é dissolvente a poesia de quem, ao compor inspirados versos, confessou ter tido, por vezes, «instantes de Camões».

É perfeitamente justo que um acusado apresente, no pretório, honestas testemunhas de defesa do seu procedimento e abonadoras das suas qualidades. Como accidental, embora imperfeito, defensor de um grande Poeta nesta emergência, eu não quero terminar este meu já longo arrazoado sem trazer, à lembrança dos que me ouvem, os depoimentos das seguintes personalidades, idóneas e insuspeitas, acerca dos talentos e mensagem literária do meu constituínte:

Seja a primeira a depor o que foi historiador e artista eminente, Oliveira Martins, seu contemporâneo, que se manifestou por carta, e aí declarou: «Meu grande Poeta: Os seus versos fizeram-me um bem incalculável no meio da selva emaranhada de questões árduas em que me vejo embrulhado. Temos um grande poeta. A originalidade da forma exprime um modo de sentir novo: não é um truque literário. Não imagina, repito-lhe sinceramente, o bem que me fez e o prazer que me deu».

Seja a segunda o jornalista e pensador portuense Sampaio Bruno que o conheceu em Paris e assim se pronunciou: «Fino, cândidamente malicioso, doce, ingénuo era seu temperamento; tão sincera a sua tristeza; tão moderno seu gosto; tão nacionalista seu sentir, na pátria e na família; tão sugestiva sua imaginação, ardorosa e melancólica».

Júlio Dantas, dramaturgo e académico, polígrafo de tão requintado gosto, sentenciou deste modo: «Estamos em presença de um grande poeta, de um dos maiores poetas que o último quartel do século XIX produziu, não apenas em Portugal, mas nas literaturas novi-latinas».

E Teixeira de Pascoais, alma grande do Marão, que aspirou muito do seu Saudosismo nos versos do autor do *SÓ*, confidenciou-nos: «Sabe encantar e comover como ninguém. A sua graça espiritual é infantil e feminina... Os seus olhos ingénuos e límpidos descobriram como nenhuns outros, nas coisas e nas criaturas, o que elas encerram de suprema delicadeza, o seu aspecto mais fino, a sua expressão mais terna, o seu ponto de contacto com a imaterialidade».

E encerre-se o rol das testemunhas com as penetrantes afirmações do maior lírico da nossa Idade, Fernando Pessoa:

«De António Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano, que de então para cá têm sido pronunciadas. Ele foi o primeiro a pôr em europeu este sentimento português das almas e das coisas, que tem pena de que umas não sejam corpos para lhes poder fazer festas, e de que outras não sejam gente, para poder falar com elas. O ingénuo panteísmo da Raça, que tem carinhos de espontânea frase para com as árvores e as pedras, desabrochou nele melancolicamente... A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria, é ele ainda, e a vida dele, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a sùmula da vida que vivemos».

A um amigo e companheiro de juventude de Nobre, o Poeta dava-lhe a impressão de ser, pela espiritualidade que de si dimanava, um *homo alatus* (um *homem alado*), e assim gostava de o designar. E a impressão que ele tinha causado aos convivas da sua pensão em Paris: «*Le poète l'ange*». Um ser angélico... Sem o quererem, empregavam uma designação de sentido semelhante à da palavra *dáimon* dos filósofos platónicos, e todas elas quadram perfeitamente a quem, pela sua constituição moral e psíquica, pela sua organização de poeta medularmente, essencialmente lírico, não era, todo ele, da terra, e tinha forças próprias para ascender a regiões imateriais e superiores onde fazia vibrar, por vezes, ao seu espírito um canto sublime e divino.



Um aspecto da sessão de homenagem a Ant6nio Nobre, vendo-se o Conferencista no uso da palavra

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA



Poesias de António Nobre que foram recitadas após a Conferência

De «Primeiros Versos»:

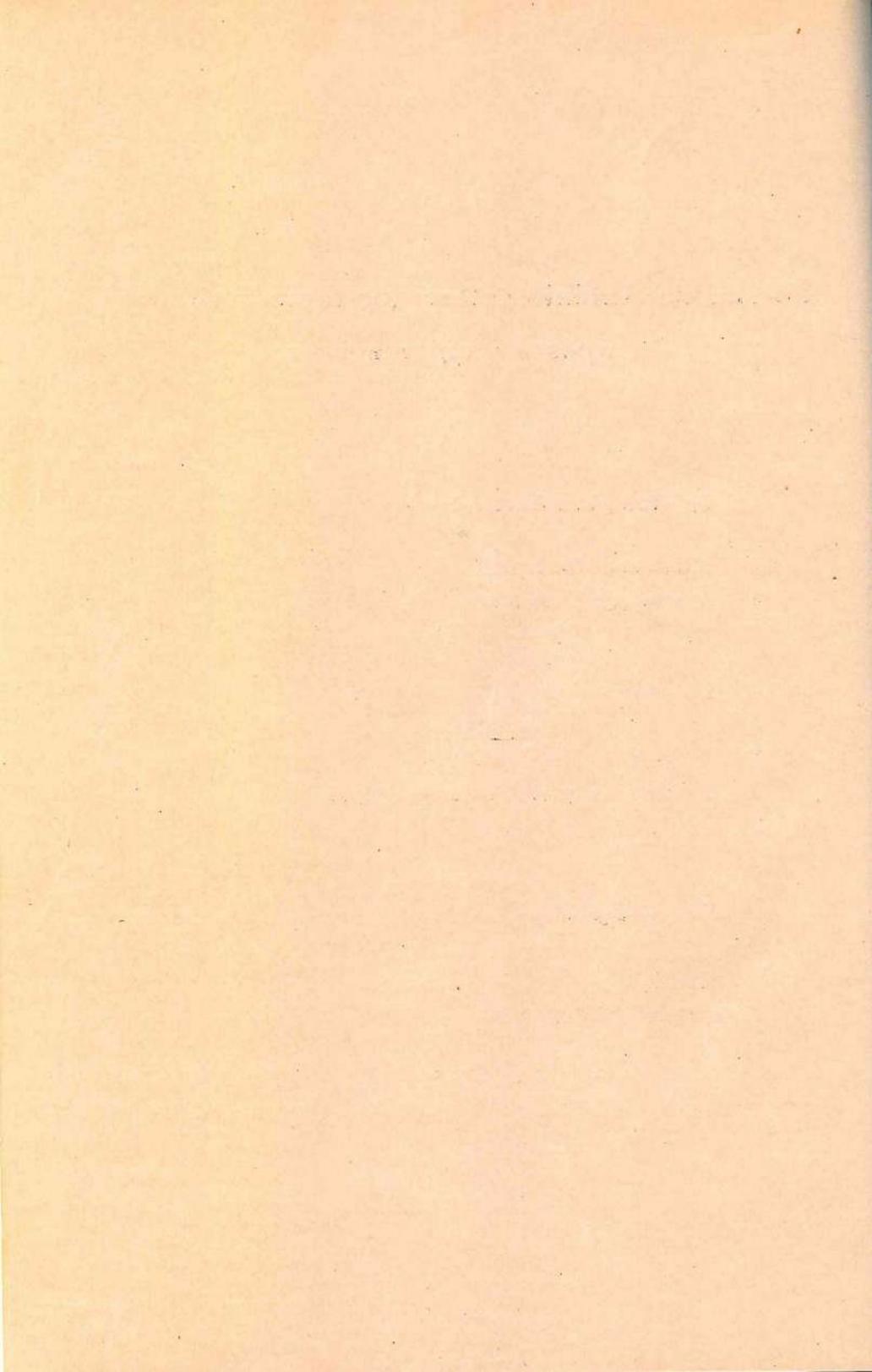
- 1) Intermezzo Ocidental
- 2) Soneto aos Pescadores

Do «Só»:

- 1) O Sono do João
- 2) Soneto «Na praia lá da Boa Nova»
- 3) Os Cavaleiros

De «Despedidas»:

- 1) Aparição
- 2) A Nossa Senhora



biblioteca
municipal
barcelos



60061

Vida e lirismo de António
Nobre